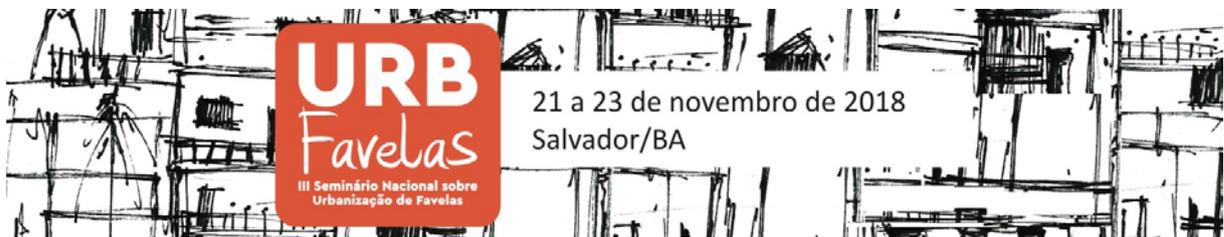


## RESILIÊNCIA: PRÁTICAS POPULARES NA FAVELA RIO DAS PEDRAS

**RESUMO:** As favelas são complexos processos urbanos amplamente conhecidos, que permeiam as cidades contemporâneas ao redor do mundo, incluindo o Rio de Janeiro. Questões históricas, políticas e de desigualdades formam uma infinita trama de fatores que contribuem e marcam o desenvolvimento das favelas, exponencialmente ampliadas nos últimos cinquenta anos. Sem quaisquer recursos governamentais, estruturas de abrigo são construídas em um primeiro momento pelos moradores, que optam por sobreviver a um sistema cruel. Posteriormente, com a chegada de novos moradores, a construção coletiva dos espaços públicos para a comunidade é iniciada. O trabalho apresenta o conceito de resiliência aplicado ao urbanismo, num olhar sobre as práticas populares em espaços públicos da favela Rio das Pedras, na zona oeste do Rio de Janeiro. A hipótese apresentada é a de que o morador da favela é um ser resiliente no ambiente urbano das cidades de um país da periferia do sistema (como o Brasil). Mesmo atravessando uma gama de adversidades, esses cidadãos se apropriam do espaço público em atos que podem ser interpretados como a resistência para manter seu direito à moradia e à cidade.

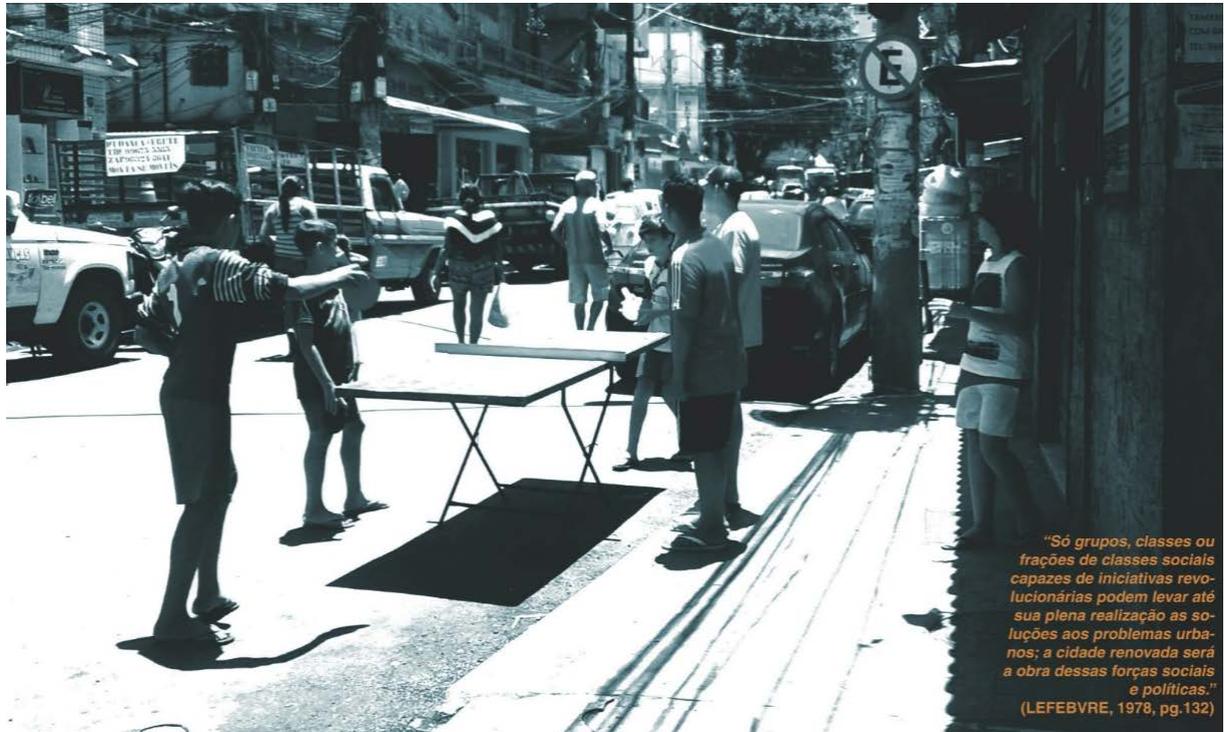
**Palavras-chave:** Práticas populares. Autoria. Espaço público.

ST-5: Outras Práticas Sociais em Favelas, Bairros e Assentamentos



## 1 INTRODUÇÃO

Imagem 1. Jovens apropriam a rua para brincar de tênis de mesa.

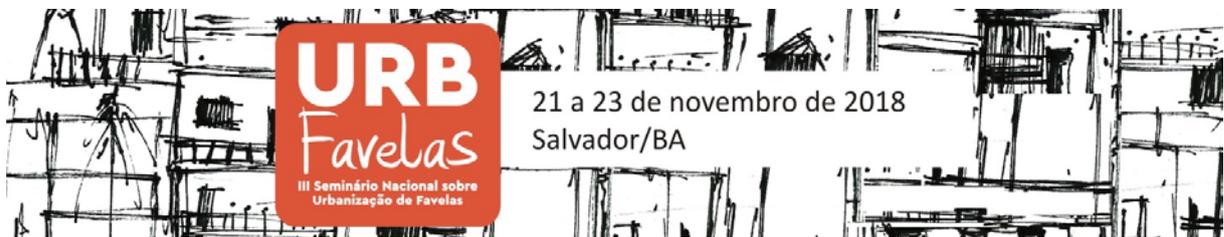


Fonte: Autoria própria

A aproximação ao tema deste trabalho foi realizada através do conceito de resiliência num olhar sobre as práticas populares em favelas. Compreendendo que a favela em si já é uma apropriação de espaços públicos ou privados, o viés deste estudo é analisar as apropriações que ocorrem no espaço público gerado em um momento anterior a partir do conceito de resiliência. Ao todo, textos de três autores auxiliaram na composição do conceito adotado neste trabalho, foram eles: “The challenges to urban sustainability and resilience” de Peter W. Newton e Peter Doherty e “Interrogating urban resilience” de Lawrence J. Vale.

Este estudo é uma ramificação do trabalho “Provocações em Areal: sistemas de dinâmicas pessoa-espacos públicos”, desenvolvido na disciplina Atelier I, na qual grupos de alunos se formaram para discutir o conceito de resiliência e fazer proposições projetuais concomitantemente a diversas escolas de arquitetura no mundo que também discutiam o tema.

A favela de Rio das Pedras se situa na Zona Oeste do Rio de Janeiro, é parte do bairro de Jacarepaguá e tem a Barra da Tijuca como seu principal bairro vizinho. É uma área extremamente densa, com muito movimento de pedestres e carros nas ruas principais. O comércio está presente em praticamente todos os quarteirões da favela e em grande parte pertence aos próprios moradores. A ligação com o sistema viário da cidade formal se faz pelas Estrada do Itanhangá e Estrada de Jacarepaguá, que se ligam à Av. Engenheiro Souza Filho,

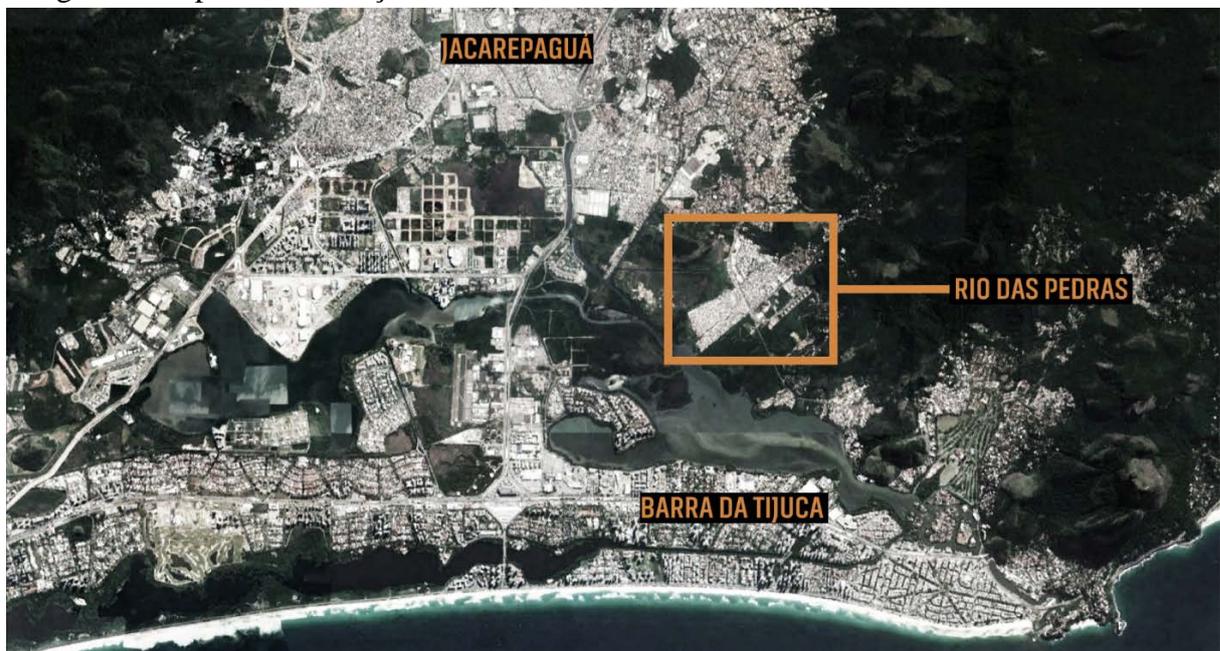


principal via da favela. Via transporte público, seus moradores conseguem chegar no centro da cidade em uma hora e meia, em média.

Este texto tem como objetivo demonstrar como o conceito de resiliência explicitado se aplica aos espaços públicos da favela, visto que este é um sinal de resistência da permanência de uma população marginalizada pelo Estado e pelo poder público que o representa. A hipótese aqui presente é a de que o morador da favela é um ser resiliente no ambiente urbano das cidades de um país da periferia do sistema como o Brasil, em que se pese que este cidadão atravessa uma gama de adversidades para manter seu direito à moradia e à cidade, que ele resiste para garantir seu acesso às possibilidades que a cidade possa lhe oferecer.

A metodologia desta pesquisa sobre a favela de Rio das Pedras baseia-se na leitura de artigos científicos, análise de fotos antigas, visita à associação de moradores, conversas com moradores, visitas de campo e análise de imagens de satélite da região. A partir das leituras e análises, foi possível traçar o histórico de expansão urbana da favela e criar um paralelo entre as apropriações do espaço público feitas pelos moradores com o conceito de resiliência. Neste sentido, as imagens e mapas apresentados foram elaborados a partir da metodologia mencionada anteriormente e tem caráter investigativo, não pretendendo ser tidos como resultados precisos, com o objetivo de facilitar o entendimento da produção teórica referente ao estudo.

Imagem 2. Mapa de localização de Rio das Pedras



Fonte: Base da imagem: Google Earth. Anotações: Autoria própria.



## 2 ANTECEDENTES E EXPANSÃO

A pesquisa referente aos antecedentes históricos de Rio das Pedras foi traçada em um primeiro momento a partir de fotos antigas, material científico produzido acerca do local, conversas com moradores de ambos os segmentos da região (favela e condomínio) realizadas a partir de visitas de campo, observações registradas in loco, produção e posterior análise de material gráfico-espacial, tais como mapas e plantas. O discurso construído interpreta, portanto, o que foi coletado, montando um cenário que embasa uma análise mais pormenorizada, com o objetivo de compreender a essência do lugar, entender a organização e relações intrínsecas da própria comunidade.

As primeiras observações partem da localização da Favela Rio das Pedras na zona oeste do município do Rio de Janeiro, na divisa dos bairros do Itanhangá e Barra da Tijuca. De certa forma, a proximidade com este segundo já insinua a remontagem de seu histórico socioespacial. Rio das Pedras situa-se entre a Lagoa do Camorim, dois morros, e o rio que dá nome à região, cuja nascente localiza-se num destes morros e deságua na lagoa. Apesar do terreno relativamente plano, o trabalho “Rio das Pessoas: revitalização, integração e habitação social na comunidade de Rio das Pedras no Rio de Janeiro” apresentado no Seminário “APP URBANA” em 2014 de Isabela Costa e Ana Lúcia Brito, afirma que as barreiras físicas naturais não estimulavam a ocupação neste primeiro momento. É importante ressaltar que a comunidade se situa numa área extremamente suscetível a alagamentos, já que a composição do solo tipo turfa (espécie de argila mole) dá ao terreno certa característica de charco, mostrando-se extremamente úmido.

Neste sentido, Rio das Pedras amplia-se como área construída somente a partir dos anos 70, histórico atrelado ao aceleramento do desenvolvimento imobiliário apresentado pela sua região vizinha: a Barra da Tijuca. A partir deste momento, a favela é ampliada pela intensificação da migração de trabalhadores originários da região Nordeste do país, atraídos pela oportunidade de condições melhores no Rio de Janeiro, futuro promissor e oportunidades de trabalho nos canteiros de obra da então crescente Barra da Tijuca de 1970.

A nomenclatura adotada neste artigo referente às diferentes zonas da favela não é adotada usualmente pelos residentes. A necessidade da sistematização da pesquisa científica impôs, contudo, o uso destas terminologias descritas a partir deste momento do discurso. A região central foi a primeira a ser ocupada, chamada neste trabalho de Pioneiros. “Atualmente, é o local da favela cujas construções receberam maior investimento ao longo do tempo. Também é onde se encontra maior concentração de capital e a vida comercial mais pulsante da favela. Apresenta melhor acessibilidade e relações de vizinhança há tempos já consolidadas” (COSTA e BRITTO, 2014).

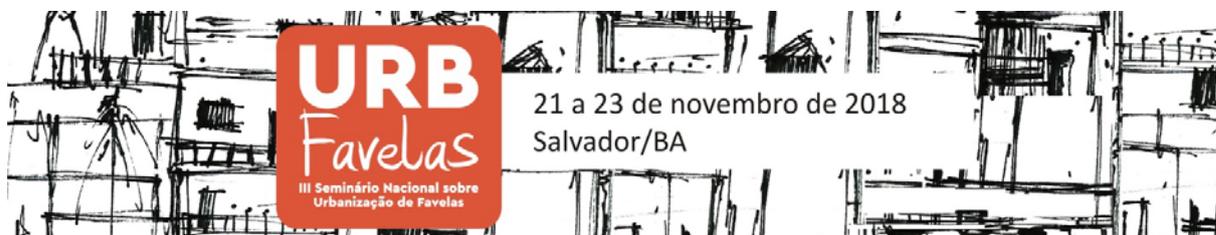
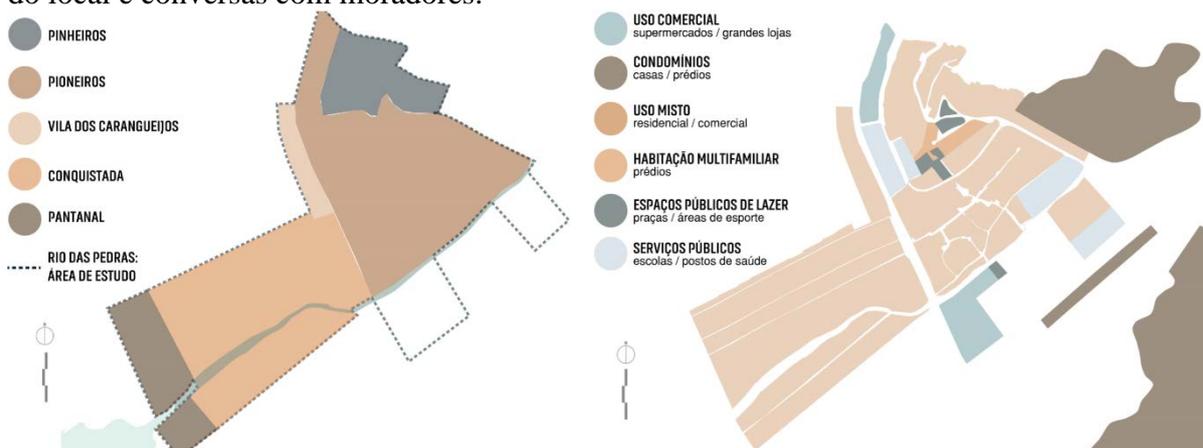


Imagem 3. Mapa ilustrativo com as zonas nomeadas de Rio das Pedras baseado na observação do local e conversas com moradores.

Imagem 4. Mapa ilustrativo com as zonas nomeadas de Rio das Pedras baseado na observação do local e conversas com moradores.

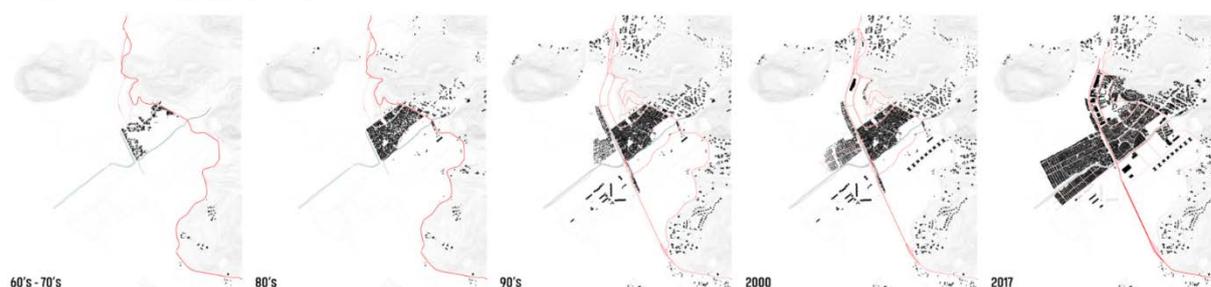


Fonte Imagem 3: Elaboração própria.

Fonte Imagem 4: Elaboração própria.

Na década de 80 do século XX, a Vila dos Carangueijos começa a ser ocupada nas margens da Avenida Engenheiro Souza Filho. No final da mesma década, a zona Conquistada foi ocupada. Havia um plano para construir um grande conjunto habitacional no local, que não foi adiante por conta da ocupação. Em 1991, as zonas Conquistada e Pantanal (ao sul do Rio das Pedras) abrigariam outro conjunto habitacional. Houve uma invasão nos edifícios antes de sua entrega oficial aos moradores, mas por conta da falta de infraestrutura e danos estruturais os moradores se veem obrigados a sair dali. Os moradores de Rio das Pedras ocupam então a zona Pinheiros e o sul de Conquistada. Conquistada foi loteada pela Associação de Moradores, aproximando-se da lógica organizacional de quadras da cidade formal (COSTA e BRITTO, 2014). Em Pinheiros, é evidente o processo de valorização imobiliária e, portanto, o processo de verticalização. Em entrevistas com os residentes, o nível de instrução dos moradores é alto se comparado ao restante das zonas.

Imagem 5. Mapas ilustrativos de ocupação de zonas baseado na observação do local e conversas com moradores.





Fonte: Elaboração própria.

A presente pesquisa une outras percepções ao mencionado cenário histórico-espacial: as dinâmicas socioeconômicas-espaciais atuais entre as zonas mencionadas, depuradas a partir das entrevistas com moradores, assim como pela própria análise da configuração espacial. Os novos moradores que chegam a Rio das Pedras fixam-se na região da Conquistada e Pantanal. Constata-se a existência de muitos quartos disponíveis para aluguel, apresentando menor preço do que no em outras regiões de Rio das Pedras. Posteriormente, quando o antigo-novo morador estabelece uma família e realmente demonstra intenção ou necessidade de fixar-se em Rio das Pedras, com situação financeira mais estabilizada, há mudança da região da Conquistada para a área central Pioneiros, onde há melhor acesso, oferta de transporte público mais facilitada e uma zona mais consolidada. A partir do momento que o morador possui uma situação financeira ainda melhor, ele “sai da favela”, mudando-se para condomínios das regiões de Pinheiros ou nas bordas da comunidade. Esses condomínios às margens de Rio das Pedras não somente recebem pessoas que saíram de lá como também de outras favelas. Aqui torna-se relevante levar em consideração que o custo para se manter nesses condomínios é muito mais elevado do que residir dentro de Rio das Pedras. Contudo, cabe ressaltar que a região de conquistada figura atualmente uma região em constante crescimento, fato que, dentre outros importantes fatores, alimenta a intenção para recorte de estudo mais pormenorizado.

De forma geral, Rio das Pedras mostra-se como zona de maior crescimento populacional e de área construída no período de 2000 a 2013. Portanto, as chegadas são contumazes e, dessa forma, a demanda por espaço físico cresce de forma exponencial. Existe também a ocorrência de outra situação: muitas pessoas não chegam a sair de conquistada, estabelecem raízes e fixam-se naquele local. Neste sentido, levando-se em consideração custos, um estudo da concentração de renda refletido no espaço físico é passível de ser esboçado, com vistas a fornecer um panorama mais enriquecedor acerca da realidade dos moradores. Portanto, há maior concentração de renda em edifícios localizados nas ruas principais. Conforme a análise se desloca para o interior da favela ou na direção do Areal, a margem de concentração renda diminui. Essa constatação aponta certa preferência dos moradores por localizações próximas às vias principais, cujo valor dos terrenos, comercializados informalmente, aumenta.

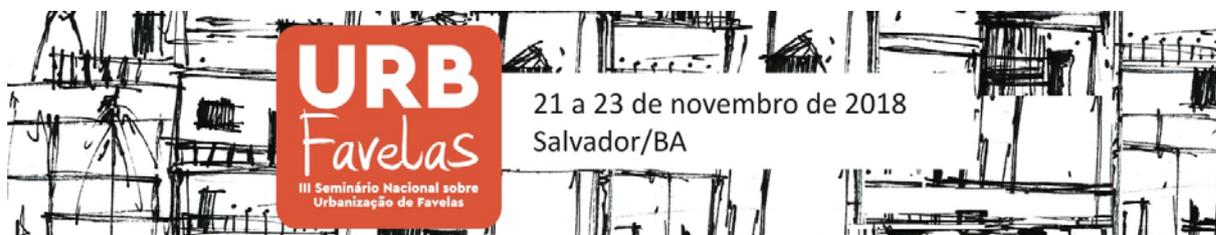
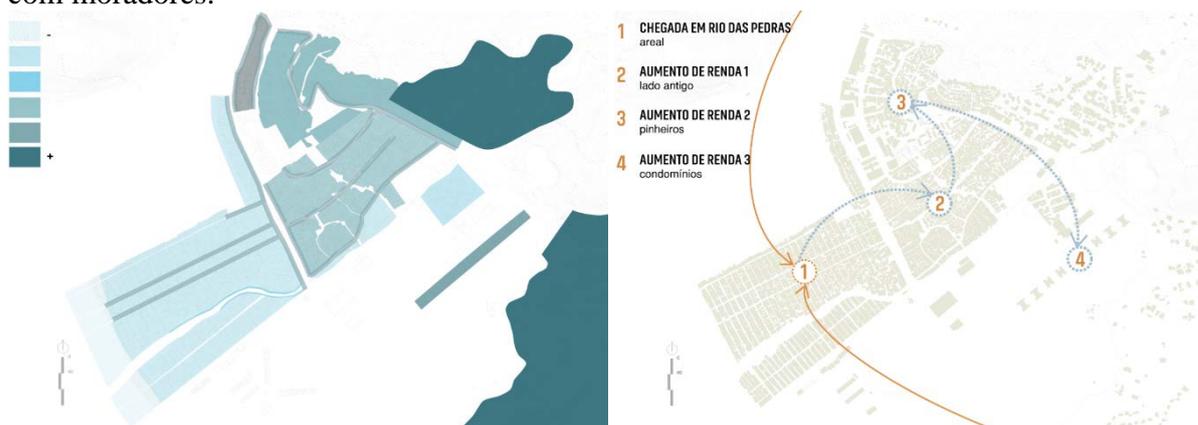


Figura 6. Mapa ilustrativo de estimativa proporcional de renda baseado na observação do local e conversas com moradores.

Figura 7. Mapa ilustrativo de ascensão por renda baseado na observação do local e conversas com moradores.



Fonte Imagem 6: Elaboração própria.

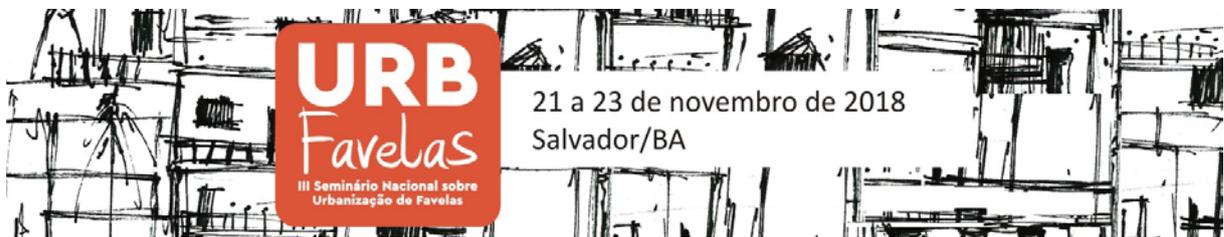
Fonte Imagem 7: Elaboração própria.

É lastimável constatar, que o Rio das Pedras se encontra totalmente poluído e em processo ininterrupto de assoreamento, já que, ao longo do seu percurso, passa por condomínios e casas da comunidade, recebendo constantemente dejetos, intensificando ainda mais o cheiro forte e poluição. Grande parte do lixo é descartado na beira do rio ou simplesmente queimado em suas bordas. O rio desagua na Lagoa Camorim ao fim do percurso. O estado deplorável da Lagoa Camorim é acentuado ainda mais por conta do despejo de esgoto por parte de outros condomínios fechados da região da Barra da Tijuca. O rio torna-se, assim, paisagem residual, espaço desvalorizado e desprezado (COSTA, 2014). O esgoto in natura é despejado diariamente, as ligações de água e esgoto, quando existem, são na maior parte clandestinas, e a favela, quanto a infraestrutura básica, está longe de ser inserida na cidade dita formal.

Parte das residências se encontram em solo inadequado para edificação, como mencionado anteriormente, o que dificulta o emprego de soluções técnicas convencionais na região (COSTA, 2014). Outro aspecto que precariza as condições na comunidade de Rio das Pedras são os afundamentos claramente visíveis das casas, construídas de forma precária pelos moradores, devido à já referida composição do solo de argila mole. Como é necessário abrigar-se de qualquer jeito num primeiro momento, as construções acabam por não sofrer nenhuma intervenção profissional desde o momento inicial da sua fundação, causando, posteriormente, os afundamentos claramente visíveis nas visitas de campo.

### 3 CONCEITUAÇÃO E REBATIMENTO

O processo de urbanização está acontecendo de maneira acelerada em todo o mundo. É esperado que em 2050 três quartos da população mundial vivam em cidades (NEWTON e



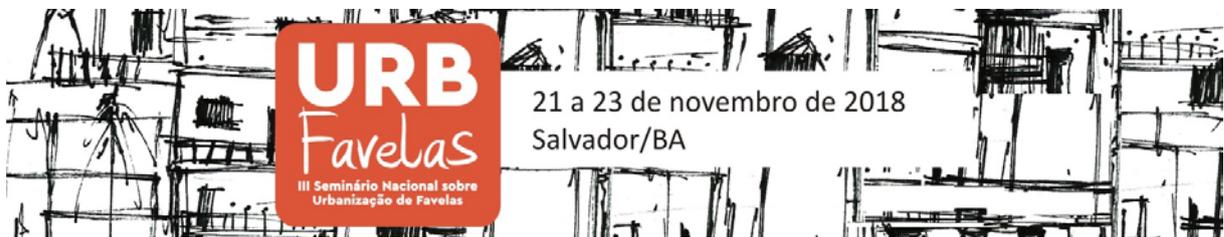
DOHERTY, 2014, p. 3), e ao longo do século XX essa aceleração do crescimento populacional urbano, consequente de fortes processos de êxodo rural, não veio acompanhada de políticas públicas do Estado, principalmente nos países da periferia do sistema capitalista como é o caso do Brasil.

Estes países se viram urbanizar rápida e exponencialmente sem a devida estrutura necessária à população que se estabeleceu nesses assentamentos urbanos à ‘margem’ das cidades, ou seja, em suas periferias e espaços livres intraurbanos até então pouco vantajosos ao mercado imobiliário formal, aonde o Estado não chegava com o fornecimento dos serviços e infraestruturas básicos, testemunhando o crescimento e multiplicação das favelas, símbolo da resistência e permanência do habitante marginalizado pelo sistema. A favela é a resposta da inexistência de um lugar para morar e habitar, com a segregação de um sistema formal de cidade. Portanto, os habitantes das favelas são um dos maiores exemplos de resiliência no Brasil. A favela é a cidade feita por aqueles que a habitam diretamente.

O fator de pressão para a formação das favelas se dá pela inexistência ou falta de planejamento e investimento governamental desde suas origens, sendo sua condição de estresse crônica, já que é um processo constante, com décadas de história e a resposta é sempre de caráter coletivo, pois baseia-se na organização, convivência e ação comunitária. A definição de “Resiliência Social” ou “Resiliência Comunitária” no âmbito da psicologia é muito pertinente para o caso. Sua definição é “a condição coletiva para superar as catástrofes e situações de adversidade e construir sobre eles” (SUAREZ OJEDA, 2007, p. 81). Este tipo de resiliência tem entre os fatores que a conformam a coesão social, autoestima coletiva, humor social e identidade cultural. A definição de resiliência adotada neste artigo é a capacidade dos moradores das favelas de se organizar, conviver e adaptar os espaços públicos inóspitos ou inexistentes dentro do planejamento da cidade em lugares através da transformação, uso e apropriação.

O conceito de resiliência é utilizado em diversas áreas do conhecimento por profissionais de cada área, como Lawrence Vale cita no texto *Interrogating Urban Resilience*. gerentes corporativos, economistas, profissionais de tecnologia da informação, segurança privada, psicólogos e ecologistas utilizam o conceito, adaptado a cada área sempre com o sentido de recuperação. Quando a discussão aponta para a resiliência urbana, Vale levanta questionamentos sobre qual é o status quo que a sociedade quer manter ou recuperar. “Esse anterior à mudança/ desordem que muitos idealizam como meta de “recuperação” muitas vezes não é um sistema muito justo ou equitativo” (VALE, 2012, p. 22, tradução minha). A resiliência nem sempre é uma coisa boa, aponta Vale. Ela pode ser uma oportunidade para manter o que era bom e melhorar aspectos indesejáveis anteriormente.

Favelas são complexos processos urbanos amplamente conhecidos, que permeiam as cidades contemporâneas ao redor do mundo, incluindo o Rio de Janeiro. Questões históricas, políticas



e de desigualdades formam uma infinita trama de fatores que contribuem e marcam o desenvolvimento das favelas, exponencialmente ampliadas nos últimos cinquenta anos. Sem quaisquer recursos governamentais, estruturas de abrigo são construídas em um primeiro momento pelos moradores, que optam por sobreviver a um sistema cruel. Posteriormente, com a chegada de novos moradores, a construção coletiva dos espaços públicos para a comunidade é iniciada.

Segundo Peter W. Newton e Peter Doherty no livro “Resilient Sustainable Cities: a future” lançado em 2014, o conceito de resiliência é definido como “a capacidade de um sistema urbano - incluindo seus elementos naturais, construídos, sociais e econômicos - para gerenciar uma mudança, aprender com situações difíceis e estar em posição de rebote depois de sofrer estresse ou choque significativo” (NEWTON e DOHERTY, 2014, p. 7, tradução minha). As respostas às mudanças, estresses ou choques podem ser de diversos tipos, variando de situação ou por quem seja afetado por ela. Dentre os principais resultados do processo de gerenciamento das mudanças se consolidam a resistência, recuperação, adaptação e transformação.

Fatores causadores de estresse ou pressão podem ter diferentes origens, características, tempos e ter significados diversos para diferentes grupos humanos de resposta. As origens de tais fatores podem ser de caráter natural, construído, social ou econômico, se estender por curto prazo ou se prolongar como um estresse crônico. Aplicando isso ao objeto de estudo, a favela Rio das Pedras tem origem justamente em alguns fatores de pressão que serão explanados a seguir.

A década de 70 do século XX foi de grande importância para o processo de expansão da favela, visto que a região da Barra da Tijuca teve seu plano piloto projetado por Lucio Costa em 1969, diversas obras de ampliação da infraestrutura viária ligando a região ao resto da cidade, além da construção de diversos condomínios fechados. O grande número de obras de construção civil neste período gerou muitas oportunidades de trabalho e teve relação direta com o aumento da imigração de trabalhadores nordestinos para o Rio de Janeiro. A localização de Rio das Pedras foi favorável aos trabalhadores da construção civil por conta de sua proximidade à Barra da Tijuca e por não despertar interesse imobiliário na época, já que é uma área de terreno instável e suscetível a alagamentos.

É possível relacionar o conceito de resiliência definido por Newton e Doherty ao processo de ocupação e expansão de Rio das Pedras. A explicação do conceito faz referência à um processo que delimita o ato da resiliência, que é gerenciar uma mudança imprescindível, resultante de uma pressão (1), aprender com situações difíceis (2), e estar em posição de rebote depois de sofrer estresse ou choque significativo (3).

Desta forma, a expansão da favela surge a partir de pressão/ estresse: os trabalhadores recém-chegados à cidade precisam de abrigo. Então se segue uma resposta, que é a maneira



encontrada para gerenciamento do problema (1): não podendo arcar com as despesas de aluguel na cidade por conta dos baixos rendimentos gerados a partir do trabalho nas obras, alguns trabalhadores começam a ocupar a região construindo suas próprias casas. A pressão (2) é justamente a impossibilidade de arcar com as despesas de aluguel no Rio de Janeiro, enquanto o aprendizado é relacionado à consciência de serem habitantes e gestores do espaço, pois ocuparam terrenos e construíram suas próprias casas.

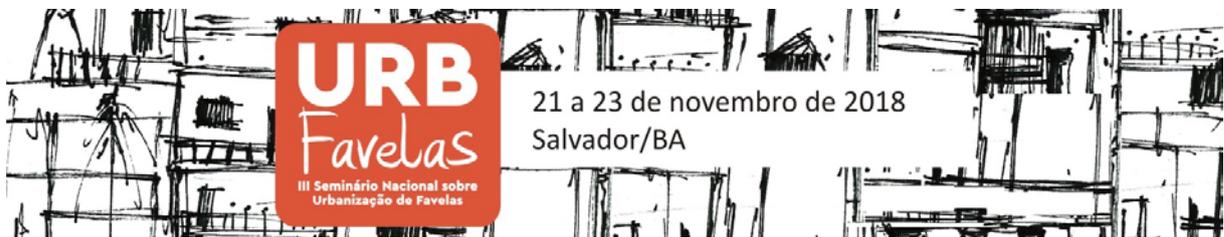
A posição de rebote (3) está relacionada à geografia e geologia do terreno. Por estar situada numa planície, entre a Pedra da Panela, Morro do Pinheiro, Morro da Marimbeira, Morro do Quilombo e Morro da Muzema, estar próxima à foz do Rio das Pedras e seu solo ser de turfa, a favela é uma área que sofre com constantes inundações. Mapas da Prefeitura do Rio de Janeiro mostram a área da favela como suscetível a inundações e mostram seu solo instável. Nas visitas de campo, foi observado que os moradores estão em constante reconstrução de suas casas, principalmente na área do Areal. Por conta do solo, as casas vão afundando com o tempo, então é necessário manter a construção sempre crescendo verticalmente. As casas possuem barreiras nas portas e degraus são construídos para proteger as casas das enchentes.

É possível perceber que a resiliência pode ser encontrada no resultado físico desses atos de resistência, pelo que podemos chamar hoje de arquitetura da sobrevivência. Assim, quando analisado o cenário geral do progresso físico destas comunidades, os espaços comuns e públicos são compreensivelmente deixados de lado num primeiro momento, o qual urge em suprir necessidades básicas. Portanto, a complexidade da vida pública na favela é analisada nesta pesquisa partindo-se do pressuposto de conhecer profundamente as motivações comportamentais dos resultados físicos observados no espaço público, figurando enquanto o passo inicial primordial ao planejador, embasando o ato criativo. Entender profundamente as ambiências construídas nas favelas é chegar às raízes de onde se deseja atuar.

#### **4 APROPRIAÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO EM AREAL: UMA FORMA DE RESILIÊNCIA COMUNITÁRIA**

Na apreciação do material coletado das visitas de campo realizadas em 12/04/2017, 25/04/2017 e 10/05/2017, Areal (Conquistada e Pantanal) é a zona que mais recebe pessoas recém-chegadas à Rio das Pedras por ter maior quantidade de quartos para alugar, como foi observado nas visitas. Esse fato indica que esta pode ser a região mais acessível em termos de moradia, já que figura como região que possui maior crescimento e adensamento de Rio das Pedras. Segundo observações *in loco*, é a região da comunidade que possui maior quantidade de construções recentemente construídas, em estágio de construção e maior quantidade notável de comércio de material de construção se comparada às outras zonas da favela. Areal recebe ainda muitos nordestinos e/ou pessoas que vem de outras favelas.

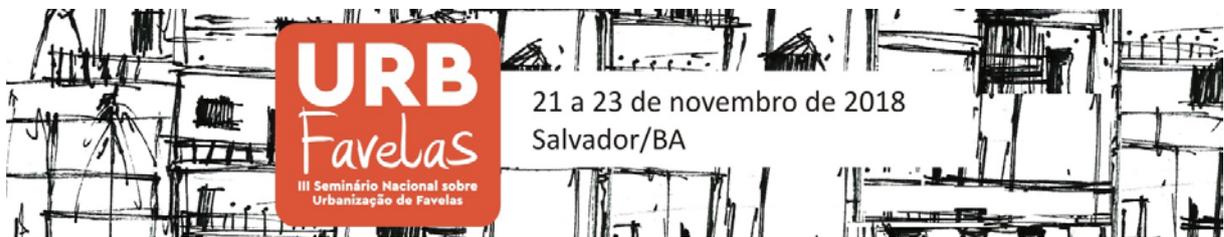
Neste sentido, Areal também passa por um processo de verticalização, que acontece em toda a favela. A intensificação da verticalização é percebida pela incidência de terceiros e quartos



pavimentos, fenômenos mais recentes se comparados ao resto de Rio das Pedras. Entretanto, neste local especificamente torna-se mais perceptível pela estruturação ortogonal da malha urbana, tornando a morfologia local mais fácil de ser apreciada se comparada à outras zonas. Portanto, através dos primeiros exames do mapa geral de Areal (Contestada e Pantanal) foi possível perceber previamente presença de espaços livres, com foco em um especial para no cotidiano dos moradores: a chamada Praça do Lixo (Praça Darcy Ribeiro), fato extremamente raro no resto de Rio das Pedras. Serão essas raras oportunidades propiciadoras de vivências diferentes das observadas nos espaços públicos?

Foi feita também uma análise espacial de Areal, em que puderam ser observadas tipologias que se repetem ao longo da localidade. As cinco tipologias identificadas são: beco modelo 1, beco modelo 2, rua principal, beira do rio e Praça Darcy Ribeiro. A partir da análise de cada uma dessas tipologias, houve a verificação das apropriações de espaços públicos relativos às mesmas, ou que ocorrem em diferentes tipologias. A análise revelou as seguintes características principais sobre as tipologias:

Beco modelo 1 e Beco modelo 2: Foram observados na região analisada dois tipos de beco. Um com uma configuração mais estreita (modelo 2), e outro beco mais largo (modelo 1). É importante destacar que a região estudada, teve grande parte do seu arruamento pavimentado, com a demarcação das “caixas de rua” e passeios, além de pontos de drenagem, intervenções estas realizadas pelo poder público, porém não foram encontrados dados a respeito do período tratado. As edificações normalmente são de três a quatro pavimentos, em alvenaria, quase sempre sem revestimento. Algumas características são notadamente marcas da resiliência dos moradores destas edificações, como o acesso às mesmas que em sua maioria se dá por escadas de dois a cinco degraus, devido ao problema de constante alagamento. Também por este motivo, aliado à falta de políticas públicas para a questão da drenagem, os moradores acabam adaptando e encontrando soluções para as mesmas, como encanamentos e tubulações improvisados, perfurações na pavimentação para o escoamento de águas e a colocação de gradeamento sobre as bocas de lobo para evitar que o lixo entupa as mesmas. Nos becos, há presença de comércio, porém mais timidamente se comparado às ruas principais, e quase sempre ocorrem nas esquinas. Os tipos de comércio mais comumente encontrados são bares, salões de beleza, churrasquinho, ou funcionam fisicamente como extensão dos comércios das ruas principais, seja com a exposição de produtos, a colocação de mesas e cadeiras ou mesmo servindo de depósito de mercadorias. Não incomum, também é encontrado depósito de materiais de construção, sejam de comerciantes ou moradores. Os becos mais largos, possuem características comuns à tipologia mais estreita, porém algumas diferenças se dão a partir de sua própria configuração física. Nos becos mais largos, podemos perceber em algumas circunstâncias a circulação de carros, que por vezes estacionam nas calçadas ou áreas mais livres, além de motos e bicicletas. Também devido ao seu dimensionamento, há uma maior passagem de ventilação e iluminação. Nestes espaços há, portanto, uma intensificação de



atividades dos moradores, que podem então circular e usufruir do espaço mais livremente. É importante mencionar as apropriações que se dão através dos vasos de planta colocados pelos moradores à frente de suas residências, ou dos tanques e dos varais dispostos na rua, além das varandas que quase sempre são construídas na área do passeio. Todos são exemplos de uma espécie de extensão da casa, e elucidam a relação que os moradores possuem com a rua, ou o “espaço público”. Mesmo com alguns aspectos físicos que por vezes obstruem a passagem, ou dificultem a circulação, os moradores encontram formas de se apropriar do espaço de uma maneira absolutamente inventiva. Na rua vemos moradores buscando cadeiras em suas casas e sentando-se para conversar, senhoras em suas cadeiras de balanço a observar o movimento da rua, crianças fazendo as brincadeiras mais diversas como fliperama, jogando dama, futebol de botão, tornando estes locais ricos em trocas humanas e experiências sensoriais.

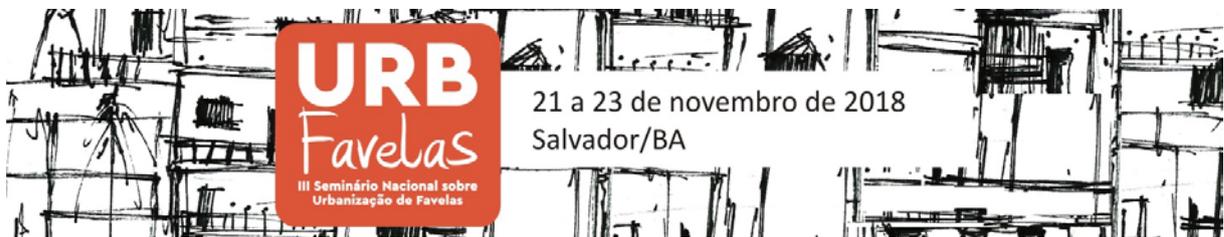
Rua Principal: as ruas principais – Rua Governador Leonel Brizola e Rua Luiz Carlos Conceição – são majoritariamente tomadas pelo comércio, no pavimento terreo e residência nos pavimentos superiores. O comércio que ali se situa, possui grande diversidade: lanchonetes, restaurantes, bares, salões de beleza, igrejas, serviços de conserto e manutenção ofertados nos próprios passeios, lojas de roupas e calçados, creches, sorveterias, farmácias, churrasquinho e tapiocas nas esquinas com os becos. Assim como nos becos, há uma característica comum, que é o superadensamento. As edificações possuem de três a quatro pavimentos, podendo haver algumas diferenciações nos padrões construtivos se comparadas a outras localidades. No comércio é recorrente a utilização de grandes placas, cavaletes sobre os passeios, exposição e depósito de mercadorias, além da instalação de toldos e coberturas metálicas. Logo, tem-se uma confluência de comércios, pessoas, carros, motos e bicicletas, numa busca constante no e pelo o espaço. Especialmente nesta tipologia, torna-se sutil o estabelecimento daquilo que é considerado como público ou privado, pois eles se misturam, verificando-se a extensão do comércio em direção aos logradouros, podendo ser as vias maiores ou as esquinas dos becos. A rua faz parte do cotidiano dos moradores de maneira mais próxima, mais visceral. O adensamento populacional e a escassez de espaço físico seja ele a residência, o comércio, as praças (ou a falta delas), o convívio e as dinâmicas sociais ocorrem ali na rua. Logo, se eu não tenho onde lavar ou secar a minha roupa, se eu não tenho onde armazenar a mercadoria de meu comércio, se eu não tenho um quintal para brincar ou contemplar, se eu não tenho acesso à iluminação e ventilação, logo eu vou fazê-lo na rua. Esta talvez seja a essência fundamental de Rio das Pedras.

Beira do rio: Trata-se de uma região de ocupação mais recente se comparada a outras regiões de Areal e Rio das Pedras, e, por conseguinte umas das menos consolidadas e de menor renda. Este fato é refletido em suas construções mais precarizadas, e no tratamento dado pelo poder público em relação à infraestrutura, ainda mais escasso e insatisfatório. Os moradores então buscam respostas através de estratégias como a autoconstrução de pontes em madeira, ou alguma forma providenciar uma outra tipologia também encontrada no local, pontes em



concreto, tendo uma delas maior extensão, rampas, guarda-corpo e estrutura metálica, que, contudo, não aparentam ter sido feitas pelo poder público. Outras respostas são dadas em relação à drenagem, como já mencionado em tipologias anteriores, como perfurações na pavimentação para escoamento de águas, passagem de encanamento e tubulações improvisadas, com o lançamento de esgoto diretamente no rio. O problema do alagamento e do excesso de umidade, frequente em Rio das Pedras, é ainda mais agravado pela proximidade com o Rio. As edificações variam de um a três pavimentos, em sua maioria sem revestimento, sendo encontradas algumas mais precárias, em madeirite, característica comum das ocupações iniciais de Rio das Pedras. Também foram constatadas construções mais recentes, próximas ao rio, implantadas voltando as costas para o mesmo, tendo por vezes parte de sua fundação em palafitas. O uso predominante é o residencial, mas o comércio tem tido notável crescimento na região. O acúmulo de lixo é algo destacado na localidade, especialmente às margens do rio, podendo ser encontrado o lixo doméstico ou grandes quantidades de refugo de construção. Ainda que extremamente poluído e assoreado, o rio faz parte do cotidiano da população em que ali vive. Isso é refletido, por exemplo, através de pequenos barcos de madeira que ficam em suas bordas. Apesar dos aspectos mencionados, os moradores sobrevivem naquele espaço e se adaptam como podem, dando respostas resilientes, seja realizando com as próprias mãos suas construções, ou criando ambiências mais humanizadas de permanência.

Praça Darcy Ribeiro (Praça do Lixo): A “Praça do Lixo”, como é reconhecida pelos moradores, trata-se de um espaço aberto, raro (dada a densidade construtiva de Rio das Pedras) e nela ocorrem diversas apropriações e usos. O local sempre cumpriu função de ser um ponto de recebimento de lixo, que em seguida é retirado pelo serviço de coleta urbana municipal. Um fato importante a ser mencionado é que no ano de 2014, devido a uma greve feita pelos garis, a área ficou completamente tomada pelo depósito de lixo, gerando uma situação de completa insalubridade, afetando de maneira drástica a vida dos moradores, em especial aqueles que viviam mais próximos à localidade. Passado este momento, a prefeitura faz uma operação para a remoção do lixo, e posteriormente coloca algumas caçambas no local. Isto somado à volta da normalidade das atividades de coleta urbana, fez com que o espaço fosse novamente liberado, e com que outras apropriações ocorressem no local. Ainda assim, mesmo que grande parte dos moradores usem as caçambas para despejar o lixo, foram encontrados refugos de material de construção e objetos já sem utilização, como caixas d’água. Na Praça do Lixo atualmente, são realizadas algumas atividades de fins comerciais, serviços e transporte alternativo. Foram encontrados no local pequenos trailers que ficam em suas extremidades, um ponto de moto táxi, um pula-pula infantil, uma construção ao fundo que parece servir de apoio aos que trabalham na praça, além de alguns carros estacionados. Por fim, a Praça do Lixo, dada as características e aspectos observados, “não convida” tanto à permanência, apesar de seu potencial latente como um espaço público de maior qualidade para a população.



Desde já é possível concluir que Areal apresenta tipologias que ocorrem no resto de Rio das Pedras e, além destas, outras específicas do local. Com a intenção de comprovar como as apropriações do espaço público são demonstrações de resiliência na favela, serão ressaltadas adiante diversos tipos de apropriações feitas pelos moradores e comerciantes, descrevendo um cenário detalhado sobre Areal.

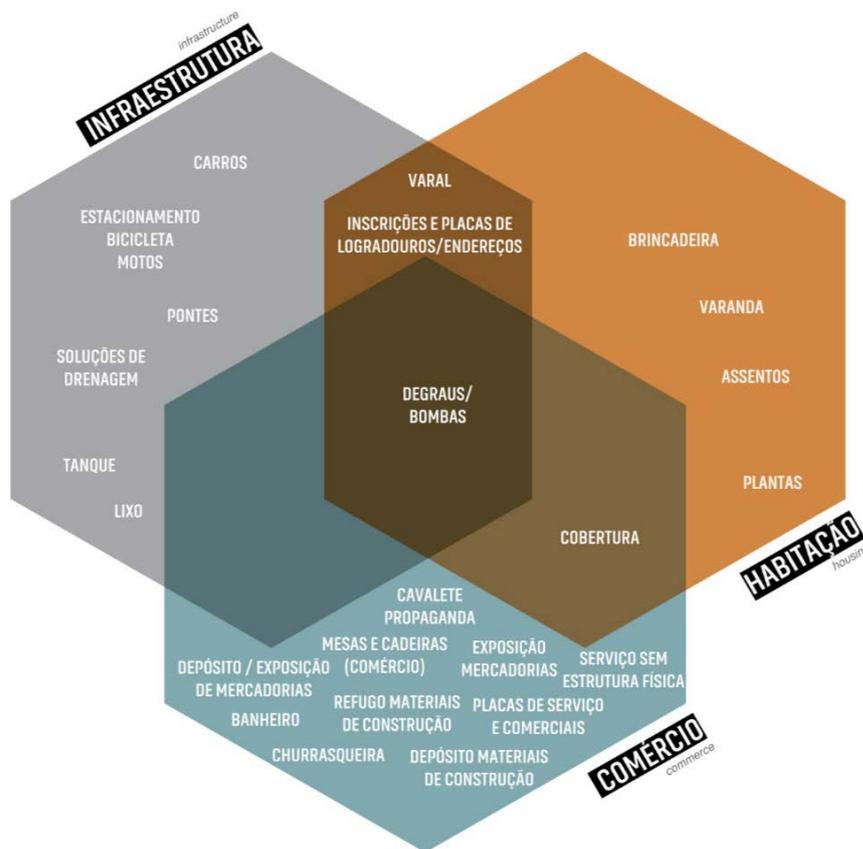
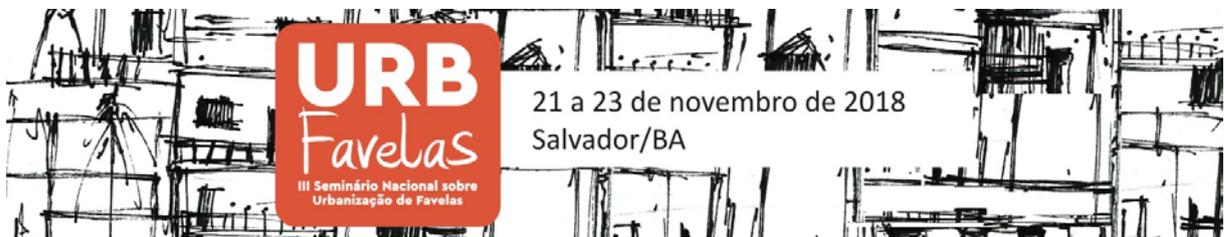
Apesar de Areal ser uma região mais precária em relação à outras na comunidade de Rio das Pedras, algumas vias e becos receberam pavimentação, drenagem, passeios e remoção das ligações irregulares de abastecimento de eletricidade, assim como regularização das instalações elétricas de forma geral.

Percebe-se ainda que as esquinas dos becos com as ruas principais de Areal são locais que apresentam alta presença de comércios mais efêmeros, menores e com dinâmica diferente do que os estabelecidos como lojas físicas, tais como: churrasquinho, tapiocas, camelôs e etc. Segundo a perspectiva da rua principal, essas apropriações seguem a tendência deste local, formando uma espécie de parede comercial ao longo das vias principais, preenchendo os espaços livres das esquinas. Estas esquinas também oferecem oportunidade de permanência aos clientes que consomem os produtos ofertados nos becos, sem desvincular-se da alta circulação das vias principais, que, por si só, oferece a oportunidade de vender o produto.

Outro desdobramento deste tipo de atividade comercial nas esquinas mostra como que uma segunda fase deste tipo de apropriação do espaço público, como exemplos: o churrasquinho que se fixou temporariamente na esquina e acabou virando bar definitivo. A ação de abrigar-se, ou seja, estender um toldo que cubra a esquina, evidencia um processo intermediário deste comércio que antes era efêmero, mas que agora é fixo.

Desta forma, as coberturas nas esquinas abrigam sempre usos mais permanentes, mais fixos, que exigem estruturas fixas. As esquinas de Areal também são usadas como depósito de alguns produtos. De forma parcial conclui-se que a favela, por ser uma construção física e social feitas pelos próprios moradores, proporciona certa liberdade de utilização espacial por eles mesmos, o que enriquece tremendamente a análise de usos daquele local. Por fim, listam-se as apropriações observadas com suas respectivas observações espaciais e sensíveis.

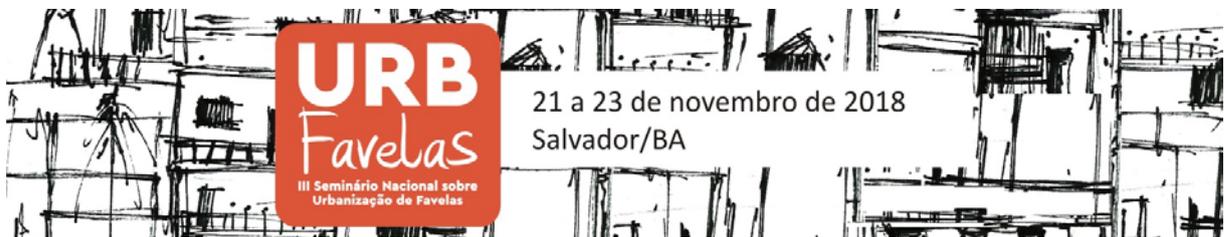
Imagem 8. Origens das apropriações de espaços públicos



Fonte: Elaboração própria.

O entendimento das origens/ pressões das apropriações elencadas na Figura 7 propicia a organização das apropriações em grupos originários. Dessa forma, entende-se que as apropriações sempre respondem, mesmo que alguma de forma indireta, a uma necessidade ou pressão que os moradores de Rio das Pedras sofreram ao longo do seu processo de instalação e adaptação. Assim, as ocorrências listadas conseguiram ser englobadas em três origens e necessidades principais: infraestrutura, habitação e comércio.

Os substantivos correspondentes à cada origem identificada rotulam essa etapa da organização das apropriações, a saber: as apropriações relacionadas às necessidades de habitação comungam das questões relacionadas à autoconstrução, ao suprimento de imperativos relacionados ao morar, ao habitar, que foram encarados sob o ponto de vista do morador e sua necessidade básica de abrigar-se. As apropriações relacionadas às necessidades de comércio têm em comum a característica de responderem a questões de sobrevivência dentro do sistema capitalista, ter algum rendimento para conseguir sustentar-se. Remonta o cenário extremamente forte na história de Rio das Pedras: moradores vendendo produtos para ganhar a vida, questões relacionadas aos serviços ofertados pelos moradores para os próprios moradores e como essa dinâmica se espacializa. As apropriações relacionadas às necessidades de infraestrutura possuem em comum a característica de responderem a questões muito



básicas que não conseguiram ser supridas, ou simplesmente foram deixadas de lado, pelo poder público. Assim, englobam-se as apropriações esmiuçadas na parte anterior numa organização global. Percebe-se que cada apropriação por si é tão complexa e se mistura de forma tão intrínseca com outras tantas, que seria necessário um estudo mais aprofundado para esmiuçar a rede por completo.

A favela é um sistema complexo, tem sua estrutura em um aparente caos. Cabe nos perguntar, por que a informalidade é penalizada se deu resposta a problemas que até agora não possuem resposta formal? Este tipo de resposta poderia se classificar dentro do conceito da vernaculidade urbana como “um indício de uma nova expressão urbana, sendo produto das complexas articulações das grandes metrópoles, nas quais as classes mais populares reciclam ou reinterpretam o que está disponível para eles na sua luta pela sobrevivência diária” (VALESE, 2007, pp. 11-13).

A aproximação ao tema de resiliência foi feita através de um caso excepcional, de um sistema que acolhe quase um quarto da população da cidade de Rio de Janeiro, com o olhar do urbanista, sempre procurando um projeto técnico em que se possa aplicar nosso conhecimento para melhorar qualidade de vida dos habitantes destes locais. É impossível negar que as favelas precisam integrar e melhorar sua infraestrutura para gerar um entorno físico como suporte da vida individual e comunitária. No caso de Rio das Pedras há espaços que apresentam diversos problemas, mas ainda assim com grandes possibilidades, onde é possível identificar estratégias gerais de projeto referentes a:

1. Habitabilidade nas moradias;
2. Infraestrutura de praças e espaços públicos;
3. Despoluição do rio;
4. Rede de serviços básicos (esgoto, elétrica, água, coleta lixo);
5. Rede viária e transporte público.

Tanto os projetos formais como as apropriações informais são identificadas como estratégias de intervenção necessárias, mas “se queremos pavimentar a estrada rumo ao futuro, precisamos urgentemente decifrar os segredos da favela” (MEIRELLES, 2014, p. 21). Neste contexto, o mais importante é o reconhecimento da criação de cidade e espaço público por parte dos habitantes frente à inexistência de ações formais como um sistema de resiliência em si mesma.



## REFERÊNCIAS

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2011, [1978].

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VALE, Lawrence J., **Interrogating Urban Resilience**, in Tigran Haas, ed., *Sustainable Urbanism and Beyond*. Nova Iorque: Rizzoli 2012. Pp. 22 e 23

PEARSON, Leonie; NEWTON, Peter; ROBERTS, Peter. Part 1: Understanding resilient sustainable cities. IN: PEARSON, Leonie; NEWTON, Peter; ROBERTS, Peter. (Org.) **Resilient Sustainable Cities: A Future**. London: Routledge, 2014. p. 1 a 28.

SUAREZ OJEDA, E. **Trabajo Comunitario y Resiliencia Social**. Adolescencia y Resiliencia, 2007, pgs. 81-108.

COSTA, I. de A. A., BRITTO, A. L. Rio das Pessoas: revitalização, integração e habitação social na comunidade de Rio das Pedras no Rio de Janeiro. In: III Seminário Nacional sobre o Tratamento de Áreas de Preservação Permanente em Meio Urbano e Restrições Ambientais ao Parcelamento do Solo (APP URBANA), 3., 2014, Belém. Anais eletrônicos... Belém: ANPUR/ APP URBANA, 2014. Disponível em: <http://anpur.org.br/app-urbana-2014/anais/ARQUIVOS/GT4259-68-20140523004001.pdf> . Acesso em: 26 abr. 2017.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal da Casa Civil, Instituto Pereira Passos e Diretoria de Informações da Cidade. **Cidade do Rio de Janeiro**. [Rio de Janeiro], 2013. 1 mapa: Escala 1:50:000.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Urbanismo, Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **Geologia**. [Rio de Janeiro], 2004. 1 mapa: Escala 1:275:000.